



AS ROTAS DO CANDOMBLÉ EM JUAZEIRO DO NORTE-CE: GÊNERO, RELAÇÕES DE PODER E MEMÓRIA

Maria Edina Marques Ferreira¹
Jacqueline Da Silva Costa²

RESUMO

O presente trabalho que está em desenvolvimento objetiva investigar as rotas de surgimento do candomblé em Juazeiro do Norte, Ceará, através das memórias e trajetórias das mães de santo, a partir da articulação das categorias de gênero, relações de poder e memória. Essa afroreligiosidade em Juazeiro do Norte data, até onde se tem registro do início da década de 1970, com a constituição da primeira casa de candomblé de nação angola. Essa pesquisa de natureza qualitativa utiliza a metodologia da história oral com abordagem interdisciplinar, pois compreende-se a oralidade como um elemento estruturante das religiões afro-brasileiras e a memória como fundamental para perscrutar as rotas que possibilitaram o surgimento do candomblé no interior do Ceará. O gênero categoria que encadeia essa investigação em virtude de as personagens serem primordialmente mulheres mães de santo e que estiveram desde o início do estabelecimento do candomblé na cidade e por identificar as tensões de gênero existentes no que se refere as relações tanto internas quanto externas ao espaço do terreiro, em que evidência a disputa de poder, acionada pelas próprias relações de gênero. Assim, é possível apontar para um trânsito e uma origem distinta em relação ao surgimento do candomblé em Fortaleza e em Juazeiro do Norte, ainda que estejam situados próximos temporalmente.

Palavras-chave: candomblé; mães de santo; memória; Juazeiro do Norte.

UNILAB, CEARÁ, Discente, edinamarques07@gmail.com¹
UNILAB, CEARÁ, Docente, jacquelinecosta.sol@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se constitui como parte da pesquisa em desenvolvimento cujo objetivo é investigar o estabelecimento do candomblé em Juazeiro do Norte, através das memórias e trajetórias das mães de santo de candomblé. Além do objetivo geral tem-se os específicos, sendo eles: mapear os terreiros de candomblé em Juazeiro do Norte; analisar o papel das mães de santo na trajetória de surgimento do candomblé na cidade e discutir as relações políticas e de

gênero na afirmação identitária dos terreiros de candomblé em Juazeiro do Norte. Segundo a literatura data do início da década de 1970 a abertura da primeira casa, sendo identificada como nação Angola. Esse registro é citado na pesquisa de Domingos (2011), e é a partir dele que está investigação envereda pelas rotas da chegada do candomblé em Juazeiro do Norte.

É vasto o número de pesquisas acerca das expressões afrorreligiosas principalmente na Bahia e parte do Nordeste em virtude da predominância dos cultos afro-brasileiros. Todavia no Ceará os estudos sobre os cultos afro-brasileiros ainda são poucos, acerca do candomblé é possível identificar Bandeira (2013) e Farias (2011). Além desses, é importante destacar as pesquisas de Pordeus Jr. (2011) sobre a Umbanda no Ceará cujo repertório é vasto e é uma importante fonte na literatura. De acordo Farias (2021) a primeira casa de candomblé em Fortaleza, no Ceará, data de 1965, o Viva Deus do Calunga, de origem angola.

Na região do Cariri e mais especificamente em Juazeiro do Norte onde se registra uma grande quantidade de terreiros de candomblé, ainda é incipiente, identificando-se o trabalho de Domingos (2011) que apresenta por meio de uma entrevista a mãe de santo de candomblé viva mais velha do Cariri o registro da casa na década 1970. Apesar de situar temporalmente o primeiro barracão de candomblé, o estudo em questão não tem por finalidade investigar historicamente as rotas e os fluxos que permitiram o estabelecimento do candomblé em Juazeiro, sendo deste modo, esta pesquisa fundamental para compreender esse processo de instalação das casas de candomblé nesta cidade.

Na esteira dessa investigação alguns conceitos são acionados, sendo eles gênero, relações de poder, memória e oralidade, pois a memória (Pollak, 1989) é imprescindível para acessar as narrativas das mulheres mães de santo acerca das primeiras casas de candomblé, a oralidade (Vansina, 2010) por ser instrumento de transmissão de conhecimento ainda presente nas comunidades afrorreligiosas, tanto de ordem cosmológica e cosmogônica, quanto das trajetórias pessoais que se cruzam com as de candomblé em Juazeiro do Norte. E gênero (Menezes, 2012), pois compreende-se que mesmo as mulheres sendo maioria na liderança dos terreiros de candomblé em Juazeiro do Norte as tensões existentes no que tange o sacerdócio e as disputas por poder, perpassam por esse lugar.

METODOLOGIA

Essa investigação é de caráter qualitativo com a metodologia da história oral combinada a uma abordagem interdisciplinar. Para a realização dessa pesquisa utilizou-se a técnica da entrevista, a partir de um roteiro semiestruturado. Até o presente momento foram realizadas quatro entrevistas, e com previsão de realização de mais três. A princípio as interlocutoras eram apenas mulheres, as mães de santo, visto que são maioria em termos de liderança em Juazeiro do Norte, e por também estarem desde o início do estabelecimento do culto. No entanto, como o campo é dinâmico e a imprevisibilidade é um componente, sentiu-se a necessidade de entrevistar o pai de santo de candomblé apontado como o primeiro de Juazeiro do Norte, ainda que o mesmo não resida mais na cidade, pois é um relato fundamental para compreender as rotas e os trânsitos do candomblé "juazeirense". Além deste, outro pai de santo também foi incluído, visto que atualmente está a

frente das atividades religiosas da casa de candomblé em decorrência de problemas de saúde de sua mãe biológica que é mãe de santo fundadora da casa e uma das mais velhas de Juazeiro do Norte. A idade de santo (idade iniciática) é o critério utilizado na escolha das sacerdotisas. Mesmo com a inclusão de dois homens, pais de santo, as mães de santo continuam como fontes primárias e predominantes, visto que compõem a maioria das entrevistadas respeitando o critério de seleção das interlocutoras

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As religiões afro-brasileiras a exemplo do candomblé, pode ser compreendido a partir de um processo de reelaboração (Assunção, 2010), em que diversos elementos se ressignificam, se somam, se aglutinam numa permuta cultural que possibilita o surgimento de novos cultos. O culto aos Orixás que aqui no Brasil se organizou de diversas formas, dentre elas a partir do que conhecemos como candomblé, palavra cujo significado também é reunião, é compreendido através dessa reelaboração.

O calundu, termo de origem bantu, se tem registro desde o século XVII, sendo um culto matricial de origem banta. O calundu agrega etimologicamente uma variedade de significados, sendo um deles o de “espírito”, estando associado a uma enfermidade. Neste sentido “tratava-se da concepção de que o espírito de um antepassado poderia eventualmente vir a afligir um de seus descendentes caso não fosse adequadamente cultuado e honrado” (Marcussi, 2023, p. 201). Essa compreensão do calundu remete a ideia de ancestralidade e ao culto aos ancestrais, visto que este estado de espírito em que a pessoa se encontra está associada ao fato de não celebrar o vínculo e os seus antepassados familiares.

Essas práticas podem ser entendidas como o início de uma organização de culto, pois o calundu, como o de Luzia Pinta, em Sabará – MG, é um ritual estruturado, com instrumentos e cantos e cuja finalidade era a cura. No início do século XVIII, conforme Souza (2002, P. 9) “o calundu de Luzia Pinta pode ser tomado como o mais completo e característico de que se tem notícia. Nele, parecem estar todos, ou quase todos os elementos de um ritual banto, de caráter coletivo, onde a possessão e um oficiante especializado têm papel de destaque”.

No contexto das práticas rituais afro-brasileiras é difícil atestar o início cravado de um culto, visto que existem trocas de elementos, insígnias e ritos e cada nova prática ritual que se estabelece se associa em alguma medida com outra, como é o caso o candomblé com o calundu, considerado como fundamental para constituição e formatação dos cultos afro-brasileiros, mas que não pode ser visto como uma continuidade originária.

Assim como no Nordeste em que a herança indígena possibilitou uma diversidade de cultos associados as tradições africanas, como a jurema e o catimbó, e o próprio candomblé, dito candomblé de caboclo, com a figura indígena enquanto um ancestral nativo. No Ceará é possível identificar diversas religiosidades afro-indígenas como jurema, catimbó, candomblé e umbanda, num fluxo de interação e trocas que compõe a paisagem religiosa do Estado. Na região do Cariri existe uma grande expressão de práticas afro-brasileiras, todavia, o candomblé é o foco desse estudo, ainda que a umbanda e a jurema tenham sido fundamentais para o campo afrorreligioso em Juazeiro do Norte, principalmente a partir do início da segunda metade do século XX.

Em Juazeiro do Norte existe uma estimativa de 19 casas de candomblé, levantamento realizado por esta pesquisa, sendo esse número passível de alteração visto a dinâmica do surgimento de novas casas. Desse total, a grande maioria é liderada por mulheres, o que presume uma atuação atual, mas também passada dessas mulheres a frente dos terreiros. Uma paisagem que remete ao contexto histórico de estruturação do candomblé através das mulheres africanas e afro-brasileiras, através do terreiro da Barroquinha (SILVEIRA,

2006), e é nesse sentido que as rotas de constituição do candomblé em Juazeiro do Norte estão sendo traçadas, a partir das memórias e trajetórias dessas mulheres mães de santo.

Essa pesquisa é de ordem qualitativa e a metodologia que estrutura e conduz essa investigação é a história oral pois é “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes a experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” Meihy (2005, p. 17). O critério de seleção das fontes orais, os sujeitos da pesquisa, é a idade iniciática no candomblé, sendo as mães de santo mais velhas em idade de santo de Juazeiro do Norte.

Essa investigação se insere no processo de “reexame” (Barros, 2008) da história do candomblé no Ceará, uma vez que através da memória perscruta as rotas dessa afrorreligiosidade em Juazeiro do Norte, ao que o processo investigativo aponta é que se situa temporalmente próximo a constituição do candomblé na capital Fortaleza.

CONCLUSÕES

Esse trabalho que se encontra em fase de campo não pretende lançar verdades, uma vez que não cabe a história nem a pesquisa, mas situar historicamente que entre a capital e o interior, as religiosidades afro-brasileiras não ocupam posições distintas em termos de tempo de existência, visto que segundo a literatura, o candomblé em Fortaleza data de 1965 e em Juazeiro do Norte 1970. Nesse sentido, apontamos para um trânsito e uma origem distinta em relação ao surgimento do candomblé em Fortaleza e em Juazeiro do Norte, ainda que estejam situados próximos temporalmente e partilhem aspectos em comuns como a origem bantu das casas de Axé em ambos os territórios.

AGRADECIMENTOS

Mestrado Interdisciplinar em Humanidades - MIH

FUNCAP

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Luiz. O Reino dos Mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- BANDEIRA, L. C. C. Entidades africanas em “troca de águas”: diásporas religiosas desde o Ceará. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2009.
- DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé Iabasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFC, 2011.
- FARIAS, Luís Leno Silva de. Religiões afro-brasileiras: história e memória em Fortaleza. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA, Sobral, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. Edições Loyola, 5ª Edição, 2005.
- MENEZES, Nilza. A violência de gênero nas religiões afro-brasileiras em Porto Velho -RO. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; São Paulo: Fortune Editora, 2012.
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. Estudos Históricos, v. 2, n. 3, 1989.



SILVEIRA, Renato da. O candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Maianga, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. Revisitando o calundu. Ensaios sobre a intolerância: inquisição, marranismo e anti-semitismo. Tradução. São Paulo: Humanitas, 2002.

VANSINA, Jean. "A tradição oral e sua metodologia". In: KI-ZERBO, Joseph. (Org.). História geral da África: volume 1: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

